



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/INGLÊS

EWERTON FELIX DA SILVA

**OS ENTREMEIOS DO SIMBÓLICO NO CONTO
THE SHADOW IN THE ROSE GARDEN, DE D. H. LAWRENCE**

GUARABIRA - PB
2016

EWERTON FELIX DA SILVA

**OS ENTREMEIOS DO SIMBÓLICO NO CONTO
THE SHADOW IN THE ROSE GARDEN, DE D. H. LAWRENCE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Ewerton Felix da
Os entremeios do simbólico no Conto [manuscrito] / Ewerton
Felix da Silva. - 2016.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva,
Departamento de Letras".

1. Literatura Inglesa. 2. Modernismo. 3. D. H. Lawrence. I.
Título.

21. ed. CDD B869.3

EWERTON FELIX DA SILVA

**OS ENTREMEIOS DO SIMBÓLICO NO CONTO
THE SHADOW IN THE ROSE GARDEN, DE D. H. LAWRENCE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovado em: 20/04/2016.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva
Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres Araújo da Silva - Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Prof^a. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Paulo da Silva Fernandes
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

OS ENTREMEIOS DO SIMBÓLICO NO CONTO *THE SHADOW IN THE ROSE GARDEN*, DE D. H. LAWRENCE

SILVA, Ewerton Felix da¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar os aspectos simbólicos no conto *The Shadow in the Rose Garden*, do escritor modernista inglês D. H. Lawrence. É perceptível como tais aspectos estão relacionados com os estados psicológico e emocional das personagens, principalmente no tocante à personagem feminina da obra. Dentre os principais elementos simbólicos analisados, destacamos os que são citados no título do conto: a sombra, o jardim e a rosa. Como aporte teórico sobre a personagem, foram utilizados textos referentes aos estudos de Brait (1987), Candido (2007), Forster (2002), dentre outros; sobre o estudo dos símbolos, utilizamos Chevalier *et al.* (2003) e Jung (2008); e no que se refere ao estudo sobre o modernismo, consideramos as abordagens de Matthews (2008). Com a análise do conto, verificamos que os símbolos metaforizam tragédias interiores, fazendo refletir o cerne das emoções humanas.

Palavras-chave: Literatura Inglesa. Modernismo. D. H. Lawrence. Simbólico.

1 INTRODUÇÃO

D. H. Lawrence é na atualidade um dos maiores nomes relacionados à literatura modernista, porém, em seus dias a situação era contrária a essa, visto que o autor teve uma vida literária controversa e polêmica, a ponto de ter seus livros banidos ou censurados, devido ao pensamento moral da época que ainda refletia os preceitos vitorianos.

Apesar do caráter delicado deste assunto, a obra de Lawrence vai além de escândalos envolvendo a moralidade. Sua obra tornou-se grandiosa e sua escrita ricamente poética e polida faz com que estes aspectos sejam, na verdade, secundários. Sua literatura é fortemente permeada pelo poder e ação da natureza

¹ Formando em Letras/Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob a orientação da Profª Drª Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: ewertonfelix_gba@hotmail.com

sobre as personagens, além de toda a simbologia que entremeia essas personagens em sua relação com o mundo.

Dessa forma, como os elementos simbólicos são representados na obra de D. H. Lawrence? Quais as suas relações com as personagens? Com estas questões em mente, buscamos analisar como estes elementos representam os estados emocionais e de ordem psicológica das personagens, no conto *The shadow in the Rose Garden*, publicado em 1914, e posteriormente agrupado à coletânea *The Prussian Officer and Other Stories*.

É perceptível como tais elementos estão relacionados aos estados psicológico e emocional das personagens, principalmente no tocante à personagem feminina. Dentre os principais elementos simbólicos analisados, destacamos aqueles citados no título do conto: a sombra, o jardim e a rosa.

Como aporte teórico sobre os estudos da personagem, utilizamos as abordagens de Brait (1987), Cândido (2007), Forsters (2002), dentre outros; Sobre os símbolos, baseamo-nos em Chevalier et al. (2003) e Jung (2008); e consideramos Matthews (2008), no que se refere ao estudo sobre o modernismo.

Este artigo está sistematizado em seis tópicos, sendo este o primeiro o introdutório à temática proposta, e os demais estão organizados da seguinte maneira: os símbolos na literatura modernista do início do século XX, em que traçamos um panorama histórico das principais mudanças literárias, filosóficas e culturais decorrentes no início do século XX; adiante, apresentamos uma breve biografia do autor e o referencial teórico que norteia os estudos sobre a personagem; a análise dos elementos simbólicos; e por fim, as considerações finais de nosso trabalho.

2 OS SÍMBOLOS NA LITERATURA MODERNISTA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

O presente tópico objetiva situar o contexto histórico no qual se encontrava a Inglaterra, assim como também mostrar como e de onde vinham os principais ideais modernistas que circulavam na Europa, os quais tiveram maior relevância ou destaque em meio a este verdadeiro “florescer” do campo intelectual e artístico, contexto no qual se insere D. H. Lawrence.

2.1 Contexto Histórico: A Inglaterra no início do Século XX

O século XX, na Inglaterra, inicia com mudanças. Dentre uma das mais profundas, podemos citar a mudança do monarca no trono inglês, visto que, a Rainha Vitória falecera no dia 22 de janeiro de 1901, concluindo-se assim, um dos maiores reinados e uma das mais proeminentes eras que o país já presenciou, era esta na qual a Inglaterra vivenciou um importante despertar estético e um destaque em sua literatura, com o surgimento de autores como: Jane Austen, Oscar Wilde, Charles Dickens, George Elliot, dentre outros.

Após a morte da monarca, Eduardo VII, o filho mais velho da rainha Vitória assume o trono, iniciando-se assim, uma época marcada por manifestações, principalmente lideradas pelas mulheres, as quais lutavam por melhores condições sociais, planejamento familiar e direito ao voto. As mulheres que participaram dessas manifestações foram denominadas de Sufragistas.

Na literatura do período eduardiano, podemos destacar grandes autores, tais como: Joseph Conrad, James Joyce, E. M. Foster, Rudyard Kipling, Beatrix Potter, D. H. Lawrence, dentre outros, os quais marcaram essa nova fase de mudanças que o país estava vivendo, nas mais diversas áreas e esferas sociais. Através de sua literatura, assuntos referentes à realidade da população da época, como a colonização da Índia, as colônias de exploração na África, a condição da mulher, a diferença de classes, benefícios e prováveis males relativos à revolução industrial (visto o grande número de homens trabalhando na indústria, por exemplo), foram abordados. Mathews (2008, p. 2) aponta que:

Divergente e positivamente de ruptura, pressões sociais e políticas, do surgimento do movimento das mulheres ao socialismo, do horror da industrialização ao aparato tecnológico, do ceticismo à urbanização, estratificação social, capitalismo e imperialismo – todas essas pressões cresceram nos anos que precederam 1914 e ao longo da Primeira Guerra Mundial.² (Tradução nossa)

² Divergent, and positively disruptive, social and political pressures, from the rise of the women's movement to that of the socialist one, from horror at industrialization and rampant technology, to scepticism about urbanization, social stratification, capitalism and imperialism - all of these pressures grew in the years preceding 1914 and across the First World War.

Dentre os eventos históricos que ocorreram na época em que o Rei Eduardo II esteve no trono (1901 - 1910), destacamos também, os jogos olímpicos sediados na cidade de Londres no ano de 1908; no campo político e militar, ocorreu a assinatura da *Entente Cordiale* (1904), que pôs fim a quase mil anos de conflito entre Reino Unido e França; o lançamento e uso do encouraçado Dreadnought (1906), e ainda a formação da entente Anglo-Russa (1907).

Apesar da morte do Rei Eduardo VII em 1910, o período de sua era, geralmente é estendido até o ano de 1919, o que acaba por incluir o naufrágio do Titanic e o início da Primeira Guerra Mundial.

2.2 Movimento Modernista e a Literatura

O modernismo (ou movimento modernista) surge aproximadamente no final do século XIX (e perdura durante o século XX), com o ideal de romper com os moldes e paradigmas até então utilizados não só na literatura realista, como também nas demais formas de arte, na arquitetura, na religião, nas formas de organização social, etc.

Como destaca Lorcher (2015), dentre as principais características do movimento (além da “ruptura” com os moldes tradicionais, o que causou forte reação de ordem religiosa, política e social), podemos destacar a crença de que o mundo existe a partir de nossa percepção em relação ao mesmo; a crença de que não existe verdade absoluta, visto que todas as coisas são relativas; a preocupação com o subconsciente (em muitas obras, o foco se mostra muito mais voltado ao psicológico das personagens).

Ainda sobre tais mudanças, Rodak (2013, p. 10) afirma:

A literatura moderna, então, buscou a “emancipação” da tradição, com um alto nível de experimentalismo. Os autores começaram a utilizar novos recursos, como a justaposição, a fragmentação e o fluxo de consciência, por exemplo, e entre seus temas geralmente estavam a alienação, a busca por um sentido na vida, a desilusão, a decadência, o desespero e a falta de esperança.

Matthews (2008) afirma que, pela primeira vez em muito tempo, a Inglaterra se mostrava aberta aos ideais literários e filosóficos oriundos de outros

países, em sua maioria da Europa Continental, como também da Rússia, agindo como uma verdadeira troca de pensamentos e ideologias com o objetivo de estimular novas discussões.

Desde o final do século XIX e durante o século XX, algumas tendências se destacaram como meio de ruptura com as formas tradicionais das artes e suas manifestações, dentre as quais: a negação da perspectiva tradicional no cubismo de Pablo Picasso (1907); o Dadaísmo de Marcel Duchamp e seu controverso urinol (1917); o expressionismo de Van Gogh na obra *O Grito* (1893), estabelecendo um paralelo com o Brasil, a exemplo de Anita Malfatti, Cândido Portinari e Di Cavalcanti; o futurismo de Marinetti e seu manifesto publicado em 1909; o impressionismo de Monet e Renoir no final do século XIX.

Na área das ciências sociais e na filosofia, alguns dos pensadores que escreveram obras preponderantes para estas áreas foram: Émile Durkheim (*Da divisão do trabalho social*, 1893), Max Weber (*A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 1904-1905), Friedrich Nietzsche (*Assim falou Zaratustra*, 1883), William James (*Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*, 1907); bem como Sigmund Freud (*A interpretação dos sonhos*, 1899) e Albert Einstein (*The meaning of relativity*, 1922) nas áreas da ciência e tecnologia.

Na literatura de língua inglesa escrita no decorrer do movimento modernista, podemos citar: na poesia, os nomes que estão em maior evidência são H. D. (Hilda Doolittle), Ezra Pound, T. S. Eliot, relacionados ao movimento Imagista, movimento ao qual, segundo Rodak (2013, p. 11-12), não durou muito, mas que:

[...] buscava uma clareza de expressão através do uso de imagens visuais precisas, sendo uma reação ao romantismo e sua linguagem abstrata, procurando uma economia de linguagem e a utilização de apenas observações e metáforas.

No que se refere à prosa, muitos dos autores e obras se destacaram ou pela técnica de escrita, ou por terem gerado controvérsia de alguma natureza: a contista neozelandesa Katherine Mansfield; o controverso e censurado D. H. Lawrence (*Sons and Lovers* – 1913; *Women in Love* – 1921), Virginia Woolf e sua profunda obra voltada ao íntimo e ao psicológico (*Mrs. Dalloway* – 1925; *To the Lighthouse* - 1927); Aldous Huxley e sua obra de ficção científica (*Brave New*

World - 1932); James Joyce (*Dubliners* – 1915; *A Portrait of the Artist as a Young Man* – 1916), dentre outros grandes nomes que trouxeram suas imensuráveis contribuições ao campo da literatura.

2.3 Os Símbolos e a Literatura

Vivemos em um mundo onde certas coisas possuem um dado significado. Placas de trânsito amarelas possuem um sentido, as vermelhas e brancas possuem outro. As roupas e acessórios de um determinado grupo são de um jeito, ao passo que esse conjunto de detalhes devem vir a expressar os ideais e credos defendidos por esse grupo (como exemplo temos os grupos *punks*, góticos, religiosos, torcedores de determinado time, etc.).

Os símbolos possuem essa função de carregar um sentido. Principalmente na literatura, nada aparece ao acaso, o que torna suscetível a análise desses elementos. Em diversos momentos, os símbolos podem representar o estado físico e mental das personagens, algum sentimento ou vontade, algum acontecimento importante, um marco em suas vidas, etc.

Tais elementos fogem do senso e uso comuns, pois perpassam e revelam os segredos do inconsciente, além de conduzir às mais recônditas molas da ação e abrir o espírito para o desconhecido e infinito, dar forma aos desejos, incitar a empreendimentos, modelar o comportamento e provocar êxitos e derrotas (CHEVALIER et al, 2003, p. XII). Esses aspectos ilustram, assim, a afirmativa dos autores: “Seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos – um mundo de símbolos vive em nós.” (Ibid. p. XII).

Na psicanálise, um dos maiores nomes e expoentes desta relação entre homem e símbolo foi o psiquiatra e psicoterapeuta, Carl Gustav Jung, o qual, propôs a seguinte definição para este elemento:

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Muitos monumentos cretenses, por exemplo, trazem o desenho de um duplo enxó. Conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. (2008, p. 18)

A partir destas concepções é que buscamos analisar os elementos simbólicos no conto *The shadow in the Rose Garden*, de D. H. Lawrence. O conto apresenta críticas à sociedade da época, no qual o autor utilizou-se amplamente de símbolos até então considerados signos simples, mas que possuem uma vasta carga de significado e interpretações.

3 D. H. LAWRENCE E O SIMBÓLICO

David Herbert Lawrence nasceu em 11 de setembro de 1885, em Eastwood, no Reino Unido. É o quarto dos cinco filhos do mineiro de carvão Arthur John Lawrence e Lydia Lawrence, tecelã, da qual D. H. Lawrence parece ter herdado o gosto pela literatura, pela cultura e artes em geral (WORTHEN, 2005).

Em 1912 conhece Frieda Von Richthofen, até então, mulher de seu professor de língua francesa, da qual se torna amante. Após se casarem, Frieda adotou o nome do novo marido, tornando-se Frieda Lawrence, que por sua nacionalidade alemã, levou o casal a sofrer perseguição durante a Primeira Guerra Mundial. Foram então acusados de espionagem, tanto por parte do governo alemão, como do governo britânico.

D. H. Lawrence foi poeta, dramaturgo, contista, crítico literário, tradutor e é conhecido por seu comportamento controverso e pelas polêmicas envolvendo seus livros. Alguns deles chegaram até mesmo a serem banidos, devido à acusação de serem obscenos e retratarem personagens e situações sem pudor, e que iam de encontro a moral da sociedade inglesa da época.

Dentre sua vasta obra, o romance mais conhecido (e também o mais polêmico) é *Lady Chatterly's Lover* (O amante de Lady Chatterley), lançado em 1929. O livro foi considerado altamente sexual e como resultado, foi banido dos Estados Unidos até 1959 e da Inglaterra até 1960.

A obra de Lawrence é marcada muitas vezes pela sexualidade feminina, bem como a implicação do papel da mulher na vida pessoal e familiar. Também são recorrentes as influências da natureza no universo humano, que muitas vezes constitui parte essencial na trama, seja pela ambientação que pode causar fortes e diferentes emoções nas personagens (como no conto em análise, *The*

Shadow in the rose Garden, de 1914), seja pela carga de sentidos, por exemplo, que um simples crisântemo pode conter (como em *Odour of Chrysanthemums*, de 1909).

Segundo Matthews (2008), as obras de Lawrence escritas durante o período de conflito na Europa (de 1914 a 1918) parecem ter adotado uma abordagem muito mais psicológica e dramática, no que se refere à expressão de sentimentos de seus protagonistas, em relação aos seus trabalhos anteriores. Como exemplo, cita *The Rainbow* (1915) e *Women in Love* (1920).

Assim, observa-se que a escrita de Lawrence é permeada de símbolos, o que se torna um marco em sua obra. As verdades ficam no interdito, nos entremeios, exatamente porque o simbólico não se apresenta no mero acaso ou por questões supérfluas ou decorativas; é sim o elemento do significado múltiplo, da inferência sobre a natureza e o sentimento humano.

Em 2 de março de 1930, acometido de tuberculose, D. H. Lawrence falece, vindo anos depois a ter o merecido reconhecimento pelo conjunto de sua obra, uma vez que seus livros banidos foram liberados, deixando-nos um legado inquietante, vasto e sensual, no qual o corpo e o psicológico parecem desnudar-se, ao mesmo tempo em que sugerem um conflito.

4 BREVE PANORAMA TEÓRICO SOBRE O ESTUDO DA PERSONAGEM

Ao falarmos em personagem, muita coisa vem ao imaginário popular. Para muitas pessoas, personagem pode se referir a algum super-herói favorito, à mocinha da telenovela, ao vilão de algum filme recém-lançado, a algum ícone da comédia. Em alguns casos, também pode vir a ser sinônimo de pessoa falsa, dentre outras definições e/ou estereótipos.

Porém, no que se refere à literatura, é necessário que o pesquisador/leitor, conheça um arcabouço mínimo necessário acerca do tema, a fim de impedir que este se utilize de juízo de valor ao ler um livro, assistir a uma peça de teatro ou a um filme, por exemplo, evitando cair no senso-comum de que prováveis eventos que venham a ocorrer em uma obra ou ainda, eventuais conflitos psicológicos, sejam supostamente definidos como algo impossível de se acontecer ou que tal atitude é falsa, pois não ocorreria no mundo real.

A importância de se compreender a caracterização da personagem reside na relevância que esta categoria tem, na obra de D. H. Lawrence, uma vez que ela é a canalizadora direta dos símbolos, mostrando (ou não) suas emoções e pensamentos através deles.

O termo “personagem” é por si só um paradoxo. Sua definição pode estar relacionada a pessoas, em duas vertentes: reais ou ficcionais. Porém, do ponto de vista literário, essa definição resulta um problema para o significado e essência dessa categoria narrativa.

Para Brait (1987, p. 9), um(a) personagem não passa de “papel pintado com tinta”, pois nos faz sentir as mais variadas emoções e, em muitos momentos, nos identificamos com ela:

[...] que outra matéria, que outra natureza reveste esses seres de ficção, esses edifícios de palavras que, por obra e graça da vida ficcional, espelham a vida e fingem tão completamente a ponto de conquistar a imortalidade? (BRAIT, 1987, p. 9).

Devemos primeiro compreender que “as personagens *representam* as pessoas”, mas ainda assim, “a personagem não existe fora das palavras” (BRAIT, 1987, p. 11, grifo da autora). Segundo Candido (2007, p. 53-54), o enredo existe através das personagens ao passo que as personagens vivem no enredo e ambas as categorias narrativas exprimem, simultaneamente, os intuitos do romance, os significados e valores que o dão vida.

E. M. Forster (2002, p. 55), importante autor inglês no modernismo em seu país, foi também um dos maiores contribuintes no estudo referente à personagem, visto que o mesmo definiu dois tipos em especial: a personagem plana (*flat character*) e a personagem redonda (*round character*).

Segundo Forster (2002, p. 49):

A vantagem das personagens planas é que elas são facilmente reconhecidas sempre que aparecem, são reconhecidas pelo olhar emocional do leitor e não pelo olhar visual, que meramente registra a ocorrência de um nome adequado³. (tradução nossa)

³ “One great advantage of flat characters is that they are easily recognized whenever they come in—recognized by the reader’s emotional eye, not by the visual eye, which merely notes the recurrence of a proper name.” (p. 49).

Em contrapartida, o autor enfatiza que “o teste de uma personagem redonda é saber se ela é capaz de surpreender de modo convincente. Se ela nunca surpreende, ela é plana. Se ela não convence, é uma plana fingindo ser redonda” (FORSTER, 2002, p. 49, tradução nossa)⁴.

Gancho (2010, p. 20-21) define a personagem plana da seguinte maneira: “São personagens caracterizadas por um número pequeno de atributos, que as identificam facilmente pelo leitor; de um modo geral são personagens pouco complexas”, as quais podem ser definidas como “tipo” (reconhecidas por características típicas e invariáveis) ou “caricatura” (reconhecida por características fixas e ridículas).

Sobre personagens redondas, ao contrário das personagens planas, observamos que “são mais complexas que as planas, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em físicas, psicológicas, sociais, ideológicas, morais.” (GANCHO, 2010, p. 21-22).

Outro estudioso que se evidencia devido aos estudos sobre personagem é o francês Philippe Hamon, que segundo Reuter (2014, p. 41-43), propôs seis categorias de critérios simples e manejáveis, a fim de distinguir e hierarquizar as personagens por meio suas ações e caráter:

- **Qualificação diferencial:** se refere à natureza e quantidade de qualidades atribuídas às personagens, de ordem qualitativa e quantitativa;
- **Funcionalidade diferencial:** não se refere ao ser, mas ao fazer das personagens, sobre a relevância desta na obra;
- **Distribuição referencial:** associa o fazer e o ser, se refere à quantidade, ao tempo e a estratégia de aparição das personagens;
- **Autonomia diferencial:** também estabelece relação entre o fazer e o ser, porém tem os modos de combinação das personagens entre si, como o ponto de referência;
- **Pré-designação convencional:** combina o fazer e o ser referindo-se a um determinado gênero, o qual permite ao leitor familiar categorizá-lo desde

⁴ “The test of a round character is whether it is capable of surprising in a convincing way. If it never surprises, it is flat. If it does not convince, it is a flat pretending to be round.” (p. 55).

sua primeira aparição, pois a importância e o *status* da personagem usualmente são codificados por marcas genéricas tradicionais;

- **Comentário explícito:** se refere ao discurso do narrador em relação a personagem, o qual pode apontar diretamente o *status* desta, ou a maneira de categorizá-la.

Norteados pelos conceitos desses estudiosos, passamos à análise dos elementos simbólicos em “*The Shadow in The Rose Garden*”, debruçando-nos nas características explicitadas pela personagem feminina.

5 ENTREMEIOS SIMBÓLICOS EM *THE SHADOW IN THE ROSE GARDEN*

The Shadow in The Rose Garden foi publicado em 1914 e compõe a coletânea de contos *The Prussian Officer and Other Stories*. O texto possui como temas centrais o casamento convencional, o amor inesquecível, o sentimento de perda, a loucura, o ciúme, o saudosismo e esperança, a tragédia. Para fins de análise, resolvemos dividir o conto em três partes principais, nas quais, após a explanação do enredo, voltamos nossos olhares aos elementos simbólicos que caracterizam a narrativa.

5.1 O Jardim: Um exílio na casa de praia

A narrativa de *The Shadow in The Rose Garden* se inicia a partir da perspectiva de Frank, um homem jovem, de baixa estatura, o qual era casado com uma mulher rica e residiam em uma casa à beira-mar. Este homem parece estar atordoado com algo, pois está “tentando persuadir a si mesmo de que está lendo um jornal”⁵. Frank mora em uma casa a qual possui pinturas a óleo penduradas nas paredes, um piano, além de o mesmo possuir seu próprio grande relógio de prata.

Numa bela manhã, no jardim, as rosas já podiam ser contempladas. A casa possui uma macieira torta e frondosa, da qual o marido colhe suculentos frutos.

⁵ (...) trying to persuade himself that he was reading the newspaper (p. 4).

Porém, ao olhar para a janela de seu quarto, observa sua mulher contemplando o além-mar. Ela tinha o cabelo avermelhado e “era uma mulher bonita, que parecia ser mais velha que ele, bastante pálida, mas saudável e com uma face saudosa”⁶, “tinha uma bela aparência, muito orgulho e usava um vestido de musselina branca”⁷. Parecia ignorá-lo.

A contemplação de um lugar distante era algo muito além da falta de interesse pelo marido; era a verdadeira admiração a um sentimento (ou alguém) muito distante da realidade em que vivia, “olhava para além do mundo dele e dela, contemplando à distância o mar”⁸.

Para receber atenção, o marido atira frutos de papoula em direção à janela do quarto, então o casal se encontra dentro de casa e conversam enquanto esperam o café da manhã ser servido. A empregada chega, e começa a pensar nas diferenças sociais e financeiras do casal, visto que ele vem de uma classe social inferior à de sua esposa.

O casal inicia uma conversa sobre sair para se divertir, conhecer outras pessoas e lugares, é quando a mulher pede ao marido para que não conte a ninguém onde eles moram, pois ela não conhece ninguém na cidade com quem tenha vontade de falar. Além disso, ela não gostaria que seu passado viesse à tona. Após um momento em silêncio, ela ergue a cabeça e avisa ao marido, que tem muitas coisas a fazer naquela manhã e ele questiona a necessidade de se dispendir toda uma manhã realizando tarefas, o que o deixa intrigado. Percebendo que sua presença parece não ser estimada, o homem pega o chapéu e retira-se de casa.

5.1.1 As maçãs, o jardim, o vermelho, o mar

Desde o primeiro momento, podemos observar a presença de certos elementos simbólicos na narrativa: as maçãs, a cor vermelha, o jardim e o mar; símbolos que influenciam o comportamento dos personagens ao longo do conto.

⁶ She was a good-looking woman, who seemed older than he, rather pale, but healthy, her face yearning (p. 4).

⁷ She had a fine carriage, very proud, and wore a dress of soft white muslin (p. 4).

⁸ She looked apart from him and his world, gazing away to the sea. (p. 4).

Frank se mostra preocupado com alguma coisa no início do conto, a qual não se sabe, porém podemos observar uma suposta inferioridade de sua parte em comparação à sua esposa visto que ele é menor que ela em estatura e apesar da riqueza do lar onde reside, este possui um relógio de prata ao invés de um de ouro, indicando inferioridade (social, financeira, etc.).

Logo em seguida, relutantemente vai em direção ao jardim pegar maçãs. A simbologia relacionada às maçãs pode se referir à história bíblica de Adão e Eva, na qual o fruto representa a capacidade de discernimento entre o bem e o mal. Segundo o Dicionário de Símbolos, “a advertência divina dá a conhecer ao homem essas duas direções e o faz optar entre a via dos desejos terrestres e a da espiritualidade. A maçã seria o símbolo desse conhecimento e a colocação de uma necessidade: a de escolher.” (CHEVALIER *et al*, 2003, p. 573).

A cor vermelha costumeiramente está associada à paixão, ao amor, à vida (geralmente relacionada ao sangue), à sedução, à advertência (como por exemplo, o semáforo de trânsito quando está vermelho indicando para os automóveis pararem; os animais peçonhentos como cobras, escorpiões, sapos, etc). O vermelho está associado também às revoluções, como nas bandeiras relacionadas a movimentos embasados no socialismo/comunismo, ao feminino, bem como com a prostituição (Distrito da Luz Vermelha, na Holanda; antigas “Casas da Luz Vermelha”, antiga referência a prostíbulos).

Sobre o uso e simbologia da cor vermelha desde a Antiguidade, Leite (2014) aponta que:

Desde a Antiguidade já era dado ao Vermelho atributos de poder, tanto na religião quanto na guerra. O deus Marte, os centuriões romanos e até mesmo certos sacerdotes se vestiam nesta cor. Obviamente desde cedo se relacionava o Vermelho com o Sangue e com o Fogo. Desde os princípios do cristianismo, o Fogo Vermelho era símbolo de Vida, e um dos exemplos mais conhecidos dessa simbologia são as línguas de fogo que descem sobre as cabeças dos apóstolos no dia de Pentecostes. O sangue vermelho de Cristo é símbolo de salvação. Mas o Vermelho também tem outro sentido simbólico: é também a Morte, o Inferno, as chamas de Satã, a carne impura, os crimes, o pecado e todas as impurezas. Mas também representa o Amor...

No conto, a cor vermelha aparece nas maçãs, nas rosas e até no cabelo da mulher, assim podemos estabelecer ligações da cor com:

- O destaque das maçãs em relação aos outros frutos que podem haver no jardim;
- A ambivalência do amor representado na coloração das rosas, visto que é um sentimento relacionado à felicidade, mas também à dor;
- Uma espécie de subversão da personagem feminina, visto que ela é rica (vide os objetos luxuosos em sua casa, citados no início deste tópico), é independente, misteriosa e que, apesar do *status*, busca viver de forma isolada e distante da população da cidade, livrando-se assim de possíveis ostentações de bens e poder.

Outro símbolo bastante expressivo no conto é a figura do jardim. Segundo Chevalier et al. (2003, p. 512) “O jardim é um símbolo do Paraíso terrestre, do Cosmo de que ele é o centro, do Paraíso celeste, de que é a representação, dos estados espirituais, que correspondem às vivências paradisíacas”.

A casa de praia, na qual residem os personagens principais do conto, se encontra afastada da cidade, e a mesma tem um jardim, indicando assim, duplamente, o caráter de “refúgio”, que é para onde o homem parece “fugir” quando está com algum problema ou questionamento acerca de sua vida.

Considerando sua dimensão e significação simbólica, o mar é um representante relevante na observância dos símbolos presentes na narrativa. O mar remete a uma ambivalência de significados, visto que pode ser sinal de tranquilidade e calma, mas também de tormenta e perigo, a depender da condição em que se encontram as ondas. Sobre a simbologia do mar, Chevalier et al. (2003, p. 592) afirmam que:

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal. Vem daí de que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte.

Tal definição ilustra a esperança da mulher ao contemplar o mar. É a partir dele que vem à mente, recordações de alguém que já se foi, alguém que ela gostaria de ter por perto e que vem a causar certos pensamentos.

5.2 Um passeio, uma lembrança, uma descoberta

O marido então percebe que a mulher parece querer se livrar dele e logo sai de casa. A mulher, por sua vez, também sai do recinto, usando um chapéu com rosas, um longo cachecol e com um vestido branco. “Parecia bastante nervosa e escondia a face com seu guarda-sol, em sua “sombra colorida”⁹.

Então, passa por uma igreja até chegar próximo a um grande muro e avista uma porta aberta, através da qual atravessa para chegar a um outro jardim. Mas antes de chegar ao jardim propriamente dito, aparece um jardineiro carregando uma cesta repleta de framboesas, o qual conta que o jardim está fechado. Após muita insistência por parte da mulher, para dar uma rápida olhada nas rosas, o jardineiro não vê isso como um problema e então permite que ela vá.

Ela então parecia nervosa e tensa, viu ao longe uma casa de aparência estéril, que indicava ainda ser usada, mas não habitada. Uma sombra parecia a observar. Atravessando o jardim, ela se depara com um portão colorido, o qual possuía um arco de rosas. Sua face parecia “transfigurada com dor e alegria”¹⁰.

Adentrando o jardim, ela fecha seu guarda-sol e caminha lentamente, como alguém que volta ao passado, acariciando as flores macias como veludo, como uma mãe acaricia a mão de um filho, captando o cheiro de cada uma delas. Então começa a pensar que, às vezes, uma bela flor, porém sem cheiro, parecia prendê-la. Ela permanecia contemplando essa flor, mas sem saber a razão para tal.

Após o passeio por entre as mais variadas formas e tipos de flores, a mulher senta em um banco e a impressão que temos é a de que ela se torna uma das flores do jardim: “Ela não era mais que uma rosa, uma rosa que não conseguia florescer, mantinha-se intacta. Uma pequena mosca caiu sobre seu joelho, em seu vestido branco. Ela a observou, como se a mosca tivesse caído em uma rosa. Ela não era mais ela mesma.” (p. 9)¹¹.

⁹ Rather nervously, she put up her sunshade, and her face was half-hidden in its coloured shadow. (p. 7).

¹⁰ Her face began to shine, transfigures with pain and joy. (p. 8)

¹¹ She was no more than a rose, a rose that could not quite come into blossom, but remained tense. A little fly dropped on her knee, on her white dress. She watched it, as if it had fallen on a rose. She was not herself. (p. 9)

A partir desse momento, instaura-se um conflito: uma sombra cruza a vista da personagem, um homem jovem, desconhecido, de chinelos, aparentemente perturbado e que parecia pertencer as forças armadas, se aproxima.

A mulher, ao vê-lo, empalideceu, ficou muda e desamparada. O homem louco era na verdade seu antigo e, até então, saudoso amor. Ele tinha ido a combate para a África, e tinha sido dado como morto. Agora, ele parecia outra pessoa, um estranho que não estranho, fato que a encheu de horror: “Ela pode ver sua forma, a forma que ela amou, com toda sua paixão: sua firme cabeça de soldado, agora parecia frouxa. E não era ele. Isto apenas a preencheu com um horror muito difícil de compreender.”¹²

A mulher então, na esperança de ser reconhecida, pergunta ao homem se ela a conhece, e recebe a afirmativa. No mesmo instante, outro homem aparece e a mulher volta para casa, correndo.

5.2.1 A sombra no jardim das rosas

A sombra que até então parecia observar a protagonista agora vem à luz. De início, era apenas um homem estranho e maltrapilho, mas o choque veio logo em seguida, ao perceber que o antigo namorado da mulher havia se transformado noutra pessoa, muito diferente daquela por quem ela tinha se apaixonado. Parecia ter perdido a lucidez, estava louco.

Ao nos referirmos à sombra, logo pensamos no obscuro, no desconhecido, no que não se quer mostrar ou aparecer, pois “a sombra é, de um lado, o que se opõe à luz; é, de outro lado, a própria imagem das coisas fugidias, irrealis e mutantes.” (CHEVALIER et al, 2003, p. 842).

No caso do conto, tal símbolo trouxe mudança, pois quando aparece há mudança de sentimento por parte da personagem feminina, que se encontrava numa relação quase simbiótica com as rosas do jardim.

5.3 De volta para casa

¹² She could see his shape, the shape she had loved, with all her passion: his compact, soldier's head, his fine figure now slackened. And it was not he. It only filled her with horror too difficult to know. (p. 10)

Após sair correndo do jardim, a mulher segue direto para casa, onde percebe que reencontrou o seu grande amor, porém: “Ela só sentiu que ela deveria estar doente, e que isso deveria ser sangue que estava solto em suas entranhas dilaceradas. Ela sentou-se perfeitamente imóvel e passiva.”¹³.

O marido retorna ao lar e, a partir deste momento, podemos observar um comportamento arredo e esquivo por parte da esposa, que é lacônica sobre o que aconteceu:

“‘Você teve problemas com alguém?’ ele perguntou.

‘Ninguém que me conheça’ ela disse.”¹⁴

A mulher então age como se o marido não existisse, antipatizando com ele, sob a alegação de que ele a estaria atormentando. Essa seria a razão da dificuldade em suportá-lo em um momento no qual ela queria ficar sozinha.

O marido, por sua vez, vai fumar cachimbo no quintal e começa a refletir sobre a superficialidade de seu relacionamento, pois “toda sua raiva reprimida contra ela a manteve superior a ele, preenchendo e escurecendo seu coração.”¹⁵ Em tempo, somos informados de que ele era um eletricista que trabalhava em uma mina, ao passo que a esposa tinha posses e pertencia à uma camada social mais alta.

Desconfiando de que nunca fora amado, o homem insiste em saber a verdade sobre o que aconteceu à esposa e ela finalmente revela o amor intenso que viveu com um jovem que foi para a guerra e que depois foi dado como morto. Confidenciou-lhe que o reencontrou no Jardim das Rosas e que ele está vivo, porém insano.

5.3.1 Os espinhos que sangram

Após o encontro traumático e inesperado com seu antigo amor, ao voltar para casa, o comportamento dócil e calmo da mulher é substituído por um

¹³ She only felt she might be sick, and it might be blood that was loose in her torn entrails. She sat perfectly still and passive. (p. 12)

¹⁴ "Have you run up against anybody?" he asked. "Nobody who knows me," she said. (p.12)

¹⁵ All his suppressed anger against her who held herself superior to him filled and blackened his heart. (p. 13)

temperamento inquieto e perturbado. Ela deixa de ser comparada às rosas e passa a ser um espinho.

Sobre a simbologia dos espinhos, Chevalier et al. (2003) nos mostram que:

O espinho evoca a ideia de obstáculo, de dificuldades, de defesa exterior e, por conseguinte, da abordagem áspera e desagradável. O espinho é a defesa natural da planta, e trás a lembrança, inevitavelmente, o papel do chifre em relação ao animal. Note-se que, em topologia, o fr. *épine* é usado para designar *blocos de pedras levantados verticalmente*, [...] (p. 397).

Tal simbologia remete ao estado frágil e debilitado no qual se encontrava o psicológico da personagem. O contraste de realidades acabou por perturba-la e, como forma de defesa, ela se mostrou agressiva em relação ao marido, uma forma tática de se isolar e de se autoproteção.

Ainda observando a comparação entre a mulher e a rosa, tal referência simbólica pode estabelecer um paralelo com Afrodite, a deusa grega do amor e da beleza, a qual tem a rosa como um de seus símbolos.

Essa é uma característica típica relacionada a não aceitação de grandes tragédias pessoais. A oposição entre a docilidade da rosa e a agressividade do espinho, remete-nos à representação das emoções da personagem e está diretamente relacionada à característica de dualidade da natureza humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossa análise sobre *The Shadow in The Rose Garden*, verificamos que os símbolos são uma marca peculiar da literatura de D. H. Lawrence. Grande parte da representação dos comportamentos da sociedade do início do XX está metaforizada nesses símbolos. E o comportamento humano, a influência da sociedade e seus contextos são aspectos relevantes na obra do autor.

Um dos maiores obstáculos encontrados para a realização desta pesquisa foi a escassez de material, em nível de Brasil, relacionado à vida e obra de D. H. Lawrence. A maioria das pesquisas sobre sua obra levam em consideração “O amante de Lady Chatterly”, o que promove uma lacuna em torno de análises sobre seus contos e outros romances.

A internet, nesse sentido, foi uma aliada, pois proporcionou a obtenção de informações e o acesso aos arquivos da Universidade de Nottingham, que mantém o site DH-Lawrence.org¹⁶, com postagens do professor John Worthen, uma referência nos estudos sobre a vida e a produção literária do autor.

No intuito de apontar um dos aspectos também relevantes da obra de Lawrence, observamos a referência aos elementos simbólicos em *The Shadow in The Rose Garden* e verificamos que a natureza tem um forte apelo sobre o humano. A relação dos personagens do conto com elementos como jardins, mar, flores e frutos, remete à significações metafóricas de refúgio, desejo, poder, distanciamento, dor, beleza e solidão, voltando o olhar para além do conteúdo sexual que se costuma atribuir à obra e estilo ficcional do escritor inglês.

Com este trabalho, pretendemos ter contribuído para que novos olhares sejam despertados e se voltem para a obra lawrenceana, visando-o além de polêmicas e não reduzindo a grandiosa produção artística deste autor apenas ao conteúdo sexual.

Esperamos também que futuramente, novos trabalhos acadêmicos venham a desenvolver análises, não apenas do simbólico, apesar da magnitude da influência deste aspecto em seus escritos, mas também nos aspectos históricos, sociais, de categorias narrativas, etc.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the symbolic aspects in the short story *The Shadow in the Rose Garden*, by English modernist writer D. H. Lawrence. It is noticeable how these aspects are related to the psychological and emotional states of the characters, especially regarding the female character of the work. Among the main symbolic elements analyzed, we highlight the ones that are cited in the title: the shade, the garden and the rose. As theoretical framework about character, we used texts related to the studies of Brait (1987), Candido (2007), Forster (2002), among others; about the study of symbols we used Chevalier et al. (2003) and Jung (2008); and referred to the study of modernism we considered Matthews' (2008) approach. With the analysis of the short story, we find that the symbols metaphorize inner tragedies, making reflect the core of human emotions.

Keywords: English Literature. Modernism. D. H. Lawrence. Symbolic.

¹⁶ <http://www.dh-lawrence.org.uk/biography.html>

REFERÊNCIAS

BIOGRAPHY.COM EDITORS. **D.H. Lawrence Biography**. Disponível em: <http://www.biography.com/people/dh-lawrence-17175776#synopsis>. Acesso em 03 abr 2016.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: ROSENFELD, Anatol et al. **A personagem de ficção**. 11. Ed. reimpressão, São Paulo: Perspectiva. 2007.

CHEVALIER, Jean et al. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 18. Ed. 2003.

ENOTES. **D. H. Lawrence Biography**. Disponível em: <http://www.enotes.com/topics/d-h-lawrence>. Acesso em 03 abr 2016.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspects of the Novel**. RosettaBooks, 2010.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

JUNG, Carl Gustave. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LAWRENCE, D. H. **The shadow in the Rose Garden**. Disponível em: <http://www.feedbooks.com/book/1100/the-shadow-in-the-rose-garden>.

LEE-MEDI, Jeocaz. D. H. Lawrence – Quando a literatura ganhou sexualidade. Disponível em: <http://virtualiaomanifesto.blogspot.com.br/2009/07/d-h-lawrence-quando-literatura-ganhou.html>. 2009. Acesso em 03 abr 2016.

LEITE, Mazé. **Pequena história da cor vermelha**. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=5683. Acesso em 13 abr 2016.

LORCHER, Trent. Modernism in Literature: Quick Overview. Disponível em: http://www.brighthubeducation.com/high-school-english-lessons/29453-modernism-in-literature/#imgn_0. 2015. Acesso em 20 mar 2016.

MATTHEWS, Steven (Ed.). **Modernism: a sourcebook**. Palgrave Macmillan, 2008.

REUTER, Yves. **A análise da Narrativa**. O texto, a ficção e a narração. 4. Ed. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

THE UNIVERSITY OF NOTTINGHAM. Brief Biography of DH Lawrence. Disponível em: <https://www.nottingham.ac.uk/manuscriptsandspecialcollections/collectionsindept/h/lawrence/biography.aspx>. Acesso em 03 abr 2016.

WORTHEN, John. **Biography**. Disponível em: <http://www.dh-lawrence.org.uk/biography.html>. 2005. Acesso em 03 abr 2016.